

Relato da Conferência sobre produção agrícola, comércio e meio ambiente: o caso do Estado de Mato Grosso, Brasil

Paris, 19 de Outubro de 2007

O Governador do Estado de Mato Grosso (MT), Blairo Maggi, realizou em outubro/2007 uma visita em vários países da Europa (Rússia, Alemanha, Holanda, Bélgica e França), acompanhado de uma delegação de representantes do setor de produção agrícola do seu Estado, com o objetivo de discutir questões comerciais e ambientais relacionadas ao forte crescimento desse setor nos últimos anos. Aproveitando essa oportunidade, o projeto Diálogos realizou uma conferência em Paris com o objetivo de confrontar os pontos de vista existentes na França e no Brasil sobre produção agrícola, comércio e meio ambiente em MT. Essa conferência foi concebida como um passo inicial na organização de um seminário internacional Brasil-Europa sobre esses temas, a ser realizado em 2008 no Brasil.

A conferência foi organizada pelo IDDRI, com apoio e participação do CIRAD e do ICV. A participação foi menor do que o esperado, em grande parte devido à greve dos transportes públicos que ocorreu na França e especialmente em Paris nos dias 18 e 19/Outubro.

A conferência iniciou com uma introdução do moderador, Stéphane Guéneau (IDDRI), que colocou três grandes questões. 1) Com a Moratória e a participação dos produtores de soja na RTRS, podemos agora falar de soja responsável? 2) Qual é o peso respectivo das novas políticas públicas (áreas protegidas, fiscalização/comande e controle, nova lei de concessões florestais, etc.) e dos mercados (aumento da demanda de carne, diversificação das exportações) sobre a regulação do desmatamento? 3) Qual deveria ser o papel da cooperação internacional (balanço do tratamento das questões ambientais, compensações internacionais)?

Na seqüência, a conferência teve quatro momentos: i) uma palestra do Governador de MT sobre diferentes aspectos da produção agrícola em MT, intitulada "Mato Grosso em Desenvolvimento"; ii) uma apresentação de Patrício Mendez e Geert Van Vliet, do CIRAD, intitulada "Entre booms e crises: caminhando para um sistema soja viável?"; iii) uma apresentação por Catherine Gaudard do CCFD (Comitê Católico contra a Fome e para o Desenvolvimento) do relatório "A soja contra a vida", que serviu de base a uma campanha realizada na França em 2006; e iv) uma discussão com a platéia.

Palestra do Governador de MT: "Mato Grosso em Desenvolvimento"

Blairo Maggi fez uma apresentação muito similar àquela realizada na Holanda e na Alemanha. A linha de argumentação desenvolvida foi de que o Estado de MT tem um grande potencial agrícola e pretende valorizar essa produção em benefício do desenvolvimento econômico do Estado, com responsabilidade ambiental.

Sobre o potencial agrícola do Estado, lembrou que possui 1,6 vezes o tamanho da França, com grandes extensões de terra agricultável e regime de chuvas muito propício, e apenas 2,8 milhões de habitantes; que hoje o Centro-Oeste brasileiro e MT em particular têm um papel fundamental no balanço mundial de produção e consumo de produtos agrícolas; que nas últimas décadas a produção aumentou muito em MT com crescimento de áreas plantadas e principalmente da produtividade, que hoje se encontra em níveis muito elevados em padrões internacionais.

Sobre a valorização desse potencial, insistiu sobre o peso da agricultura na economia do Estado e do País, tomando como exemplo o importante saldo positivo da balança comercial da agricultura brasileira. Também declarou que não somente o governo como também os produtores de soja realizam investimentos diretos em obras de cunho público e social (construção de estradas, implantação de núcleos urbanos, escolas, etc.). Em termos de tendências futuras, disse que o Estado



pretende continuar ampliando a produção e o valor agregado, principalmente através de novos aumentos de produtividade e da verticalização da produção, integrando a cadeia carne-grãos.

Sobre os aspectos ambientais, inicialmente argumentou que a produção agrícola seria insignificante no bioma Amazônia (insistindo na diferença com a Amazônia Legal), com menos de 1% da superfície. Para MT, mostrou o mapa da produção de soja no Estado (realizado pela Aprosoja) e apresentou um mapa dos biomas¹ onde consta uma extensa zona de transição, e onde floresta mais transição juntas representam menos de 50% da superfície total do Estado². Também mostrou as tendências de queda do desmatamento e queimadas na Amazônia no período 2004-2006; disse ser favorável à continuidade da moratória da soja e até mesmo a uma moratória de qualquer tipo de desmatamento na Amazônia. Usando exemplos de imagens de satélite, mostrou áreas de preservação permanente (APPs) ao longo dos rios e nascentes, com Reservas Legais contíguas, em regiões produtoras de soja – algo que, na sua avaliação, não tem equivalente no mundo. Também reconheceu a existência de problemas, a exemplo de algumas áreas degradadas, e mencionou o Pacto Ambiental assinado com a Aprosoja que se compromete a recuperar essas áreas nos próximos anos. Enfim, mencionou o Sistema de Licenciamento Ambiental da Propriedade Rural (SLAPR) cujos dados estão disponíveis na internet, e disse que o baixo percentual de adesão até então (um terço da área das propriedades privadas do Estado) se deve à falta de estrutura do Estado em atender as demandas de licenciamento dos produtores.

Discussão dos pesquisadores do CIRAD: “Entre booms e crises: para um sistema soja viável?”

Patrício Mendez iniciou a apresentação mostrando o avanço da produção de soja no Centro-Oeste brasileiro e especialmente em MT. Na seqüência, comentou rapidamente os principais questionamentos feitos de fora do “sistema soja”: seu papel no desmatamento e na perda de biodiversidade, as pressões eventualmente exercidas sobre a economia do País, as críticas dos movimentos sociais e a controvérsia dos transgênicos. Depois disso, se ateve aos desafios que nascem dentro do próprio “sistema soja”: a rentabilidade incerta (devida ao incremento dos custos e oscilação dos preços); a crise do endividamento dos produtores; as ondas de superinvestimento e desinvestimento que caracterizam uma economia de boom; a dependência de modelos tecnológicos impostos aos produtores e a dependência financeira perante o sistema bancário e principalmente as grandes *tradings*, que coloca o problema da equidade na cadeia da soja. Concluiu questionando a governança do setor soja, indagando sobre os processos de decisão, a participação dos pequenos e médios produtores, o papel da regulação pública e privada, entre outros aspectos.

A partir dessas questões, Geert Van Vliet delimitou algumas propostas para o sistema soja. Tratando-se de um sistema complexo (com muitos atores em diferentes níveis) e marcado pelas incertezas, requer basicamente a intensificação do diálogo. Argumentou que esse diálogo é necessário dentro do setor privado (entre grandes e pequenos produtores e outros elos da cadeia), entre o setor privado, Estado e ONGs, e entre os países da região produtora. Em termos de agenda de diálogo, propôs alguns temas prioritários, como: a construção de uma solidariedade dentro da cadeia da soja visando estabelecer mecanismos de repartição dos lucros/ prejuízos entre os atores; o uso dos recursos naturais e as regras desse uso; as inovações tecnológicas (como maior rotação de cultivos); e a compensação pelos serviços ambientais prestados para apoiar a mudança da trajetória tecnológica e dos modos de ocupação do espaço.

¹ Fonte indicada: Embrapa

² Nós (ICV) e outras ONGs e institutos de pesquisa costumamos trabalhar com o mapa de vegetação do Prodes/INPE, utilizado pelo MMA, onde a área florestal corresponde a 58% da superfície do Estado de MT.



Discussão da campanha soja do CCFD: "A soja contra a vida"

Catherine Gaudard do CCFD apresentou uma visão diferenciada e crítica do setor soja, contida no relatório "A soja contra a vida"³ que embasou uma campanha de mobilização da opinião pública na França realizada em 2006 pelas organizações francesas CCFD, *Cohérence* (Coerência), *Confédération paysanne* (Condeferação camponesa), GRET (Grupo de pesquisa e intercâmbios tecnológicos) e RAD (Rede agricultura sustentável). Essa campanha teve apoio e parceria de várias organizações camponesas na França bem como no Brasil (AS-PTA, CPT, MST e FASE), Argentina, Paraguai e Bolívia e representa amplamente a sua rejeição do modelo do agronegócio.

A campanha considera que, no âmbito da agricultura intensiva e mecanizada, não existe monocultura de soja sustentável e faz uma crítica abrangente e articulada ao sistema soja mundial. Inicia com a constatação do crescimento do consumo mundial de soja e da produção na América do sul nas últimas décadas, e de sua altíssima inserção no comércio internacional. Analisando a cadeia da soja, ressalta a dominação exercida pelas grandes multinacionais comerciais, e a posição enfraquecida dos produtores e das cooperativas no armazenamento e transformação do produto. Argumenta que a agricultura familiar pode atender as necessidades das populações, mas que está abandonada pelos governos e está perdendo terreno a favor da agricultura industrial. Denuncia as pressões exercidas pela expansão do cultivo da soja sobre populações indígenas (citando um caso de MT) e camponeses nos países da América do Sul – argumentando que as políticas e o sistema judiciário sempre favorecem o agronegócio nas lutas com os mais pobres, e cita casos e estatísticas de trabalho escravo na Amazônia Brasileira. No campo social, também critica o baixíssimo nível de geração de emprego no modelo da monocultura de exportação comparado com a agricultura familiar. No campo ambiental, chama a atenção sobre o desmatamento e a perda de biodiversidade ligados à expansão da soja (na apresentação, Catherine citou números dos últimos boletins Transparência Florestal, que apontam para uma retomada do desmatamento em MT). Também questiona a generalização do uso dos transgênicos, cuja presença ainda não está conhecida dos consumidores, pois se a legislação europeia obriga a sinalização dos transgênicos nas rações animais, não é o caso para os produtos finais como a própria carne oriunda dessa cadeia. Voltando-se para a Europa, a campanha enfatiza os danos ambientais causados pela pecuária industrial intensiva, que consome a maior parte da soja produzida no mundo, e os impactos sobre a pecuária tradicional regional. Enfim, lembra o papel-chave das instituições financeiras internacionais (inclusive o Banco Mundial) no financiamento da infra-estrutura e do capital de giro do setor da soja, com foco principal nas grandes multinacionais – apoio que se soma às políticas de incentivo e suporte setorial dos governos nacionais, comprometidos com o pagamento da dívida externa.

Com base nesse diagnóstico, a campanha propõe reformar as políticas agrícolas e agrárias nos países produtores, com enfoque na pequena produção; também propõe que a Europa volte a buscar a auto-suficiência na produção de ração animal.

Debate e encaminhamentos

Os membros da comitiva do Governador de MT praticamente monopolizaram o debate. A primeira reação, do vice-presidente da Aprosoja, foi longa e intensa. Questionou a correlação (não calculada) entre expansão da soja e desmatamento na Amazônia, porém a sua maior crítica foi quanto ao relatório do CCFD que considerou leviano. Na visão dele, a soja não é contra a vida; ao contrário, suporta a vida, por ser um dos alimentos mais importantes no mundo. Desafiou "as ONGs" de comprovarem com dados concretos as "acusações" feitas na campanha – em particular, defendeu-se das denúncias de exclusão argumentando que a soja em MT se implantou em lugares onde antes não

³ Informações detalhadas sobre a campanha, incluindo o relatório, estão disponíveis no site: www.sojacontrelavie.org



havia “nada nem ninguém”. Também se queixou dos ataques contra o Brasil, questionando se se trataria de uma tentativa de impedir o desenvolvimento do País. Concluiu dizendo que os Brasileiros também têm direito de se desenvolver e querem viver como os Franceses, “numa boa”.

Outros membros da comitiva presentes também falaram no mesmo sentido (representante da FAMATO, prefeito de Rondonópolis, secretário do Governo), porém de forma mais moderada. Blairo Maggi também respondeu alguns pontos (declarou, por exemplo, que em MT não existe nenhum conflito entre índios e produtores de soja) e buscou abaixar o tom da discussão explicando que o relatório e sobre tudo seu título os pegaram de surpresa e que os produtores, que têm orgulho do que fazem, se sentiram ofendidos.

Catherine esclareceu que não queria ofender a ninguém, mas compartilhar de preocupações e críticas que não são apenas dela ou dos franceses, mas de todo um conjunto de atores na América do Sul, que são os excluídos do processo de desenvolvimento.

Houve também uma intervenção do Embaixador Francês ao Meio Ambiente, que destacou a importância desse diálogo poder se dar em um ambiente mais formal, e se referiu ao processo em curso no Congo, onde um grupo de países africanos e europeus está trabalhando conjuntamente na proposição e implementação de novas políticas para o manejo sustentável das florestas da região.

O moderador, em duas ocasiões durante o debate, enfatizou que se tratava do início de um processo de diálogo e propôs que possamos realizar em 2008 um seminário maior, no Brasil, para poder aprofundar essas questões.

Foi confirmada a proposta de realizar um piloto de desmatamento evitado na Amazônia de MT.

Houve mais algumas intervenções pontuais e questões de jornalistas, e a conferência foi encerrada.

Avaliação e conclusões

Considerando as circunstâncias (pouco tempo disponível para organizar a conferência, greves), avaliamos que a conferência conseguiu cumprir com o objetivo de iniciar um processo de diálogo indicando temas prioritários e abrir a possibilidade de um seminário no próximo ano.

Apesar do Estado de Mato Grosso contar com poucos pequenos produtores de soja (principalmente nas regiões de Cáceres e Água Boa), parece fundamental avançar mais na discussão sobre o choque entre o sistema da monocultura de exportação e a agricultura familiar em geral, e explorar as possibilidades de cooperação. Questionado sobre as políticas para a agricultura familiar, o Governador mencionou o PRONAF e a assistência técnica, mas não apresentou uma visão estratégica desse setor e grupo social. Em previsão do seminário proposto, serão necessárias importantes atividades de preparação (estudos, discussões preparatórias), envolvendo os diferentes níveis da cadeia da soja, movimentos sociais no Brasil e seus correspondentes na Europa, e governos, para podermos avançar em direção à governança do setor.

O seminário prevê abordar a temática da responsabilidade ambiental do agronegócio, seguindo algumas linhas e questionamentos gerais propostas pelos diferentes parceiros:

- Qual equilíbrio Norte/Sul e qual compartilhamento das responsabilidades ambientais da agricultura responsável?
- Quais instrumentos para favorecer a agricultura sustentável? Mecanismo de compensação, pagamento para serviços ambientais, instrumentos de consumo (certificação),
- Quais instrumentos para o período postmoratoria num contexto de forte pressão de ampliação das áreas agrícolas?

Paris, 22 de outubro de 2007

Laurent Micol e Alice Thuault, ICV